

# Solução Natural

A gravidade do momento nacional já foi percebida pelos empresários. Passando por cima de antigas e recentes divergências, o presidente da Fiesp, Mário Amato, foi recebido pelo presidente da República, acompanhado do presidente da Confederação Nacional da Indústria, senador Albano Franco, do PRN de Sergipe. Não é difícil concluir que o empresariado está procurando articular-se com o apoio dos governadores para a revisão constitucional a ser feita pelo Congresso.

A inflação aproxima-se perigosamente da faixa dos 20%, conforme as projeções do mercado futuro de ativos financeiros para setembro. A inflação captada pelo IGPM, de 21 de julho a 20 de agosto, atingiu 15,25%. Devido à diferença entre a alta corrente dos preços e o seu registro *a posteriori* pelos índices de inflação (apurados por médias móveis), as projeções do mercado estão na tendência correta.

É importante que os setores representativos do país se deem conta da profunda crise que paralisa a nação há 10 anos — provocando a maior concentração de renda da história do país — e de que ela só poderá ser resolvida de forma natural, com a divisão de responsabilidades e sacrifícios entre todos os segmentos da sociedade brasileira.

O governo demonstra compreensível cautela de frear a escalada inflacionária com as armas disponíveis: além da austeridade nos gastos públicos, o Banco Central apertou os torniquetes do crédito e elevou os juros, para inibir manobras especulativas com estoques. Se assim não fizesse, logo os juros correriam por baixo da variação dos preços.

O levantamento, pela Fundação Getúlio Vargas, da variação de alguns preços no IGPM apresenta números impressionantes: a carne subiu, em média, 48,8% no varejo; no atacado, o fumo em folhas subiu 36,1%, os artigos de malharia, 34,9%, os móveis de aço, 31,7%, os artefatos de cimento, 31,1%, e a areia colhida nos rios, 23,7%. Como se observa, são aumentos inaceitáveis, que exprimem uma vocação imediatista em busca do lucro fácil, que só produz inflação e retração do mercado. No caso da carne, tem sido evidente a queda do consumo. Nem por isso, empresários e comerciantes mudam o estilo.

A ida dos dois mais graduados representantes da indústria ao Palácio do Planalto não absolve o comportamento anterior, que provocou a remarcação desenfreada tão logo a equipe do ministro da Econo-

mia, Marcílio Marques Moreira, apressou a liberalização dos preços nas câmaras setoriais, através de compromissos mútuos entre os diversos segmentos.

Há quem afirme que muitos empresários ganham hoje mais dinheiro antecipando-se a planos econômicos do que no ritmo normal dos negócios. Trata-se de versão deformada pela cultura do *overnight*. Mas a irresponsabilidade social não é exclusiva de alguns setores empresariais.

O Congresso Nacional está sendo convocado pelo presidente da República e pelos chefes do Executivo de todos os estados para se debruçar no exame das propostas de reforma constitucional. Um dos capítulos mais expressivos diz respeito ao fim da estabilidade dos servidores públicos e de algumas vantagens salariais e previdenciárias da burocracia preguiçosa e ineficaz que a sociedade não aceita sustentar.

Em vez de se lançarem ao exame da proposta apresentada à nação pelo presidente Collor em março, os deputados preferiram comemorar ruidosamente com a platéia de sindicalistas e funcionários públicos ociosos — que lotavam as galerias do Congresso — a derrota do governo na votação da questão salarial. Além de um forte aumento do salário mínimo (que arrasará as finanças da União, estados e municípios), foi também aprovado um gatilho salarial, que dispara automaticamente quando a inflação alcançar 15%, para quem recebe até sete salários mínimos.

Em outras palavras, os deputados e a platéia comemoravam a indexação, que significa a perpetuação da escalada inflacionária e da desgraça nacional. Só as hienas têm comportamento semelhante.

A história dos povos registra viradas inesperadas em seus destinos. O Leste Europeu e a União Soviética são exemplos recentes que mexeram com os brasileiros. Mas não é preciso ir tão longe, nem examinar culturas tão distantes da gente brasileira. A Itália e a Espanha conseguiram amplo entendimento nacional (na Itália, mediante plebiscito que pôs fim à *scala mobile* de salários e à inflação), que fortaleceu a economia e a democracia em cada uma. A Argentina e a Bolívia estão ao nosso lado com exemplos oportunos. Será que a única forma de levar o Brasil ao entendimento é o catastrófico mergulho na hiperinflação?